

Interromper o *loading...* ou, pela criação de novas análises da *internet*

Evygeny Morozov.

To save everything, click here: the folly of technological solutionism. New York: Public Affairs, 2014, 432 pp.

Luíza Uehara

Pesquisadora no Nu-Sol (Núcleo de Sociabilidade Libertária) da PUC-SP e no Projeto Fapesp *Ecopolítica*. Doutoranda no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP com bolsa CAPES. Contato: luiza.uehara@gmail.com.

Internet: termo abreviado de *internetwork* e junção de inter (entre) e net (rede). A Wikipédia, enciclopédia colaborativa online, define a internet como uma rede mundial de computadores interligados por protocolos para a troca de informações. A palavra é recente, tendo sido cunhada na década de 1980 pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos.

Para além da terminologia, a internet tornou-se alvo de pesquisas na tentativa de se entender quais transformações essa rede trouxe ao conectar objetos, pessoas, animais, locais, etc. Evygeny Morozov, pesquisador bielorrusso e professor-visitante na Universidade de Stanford, procura compreender a internet não somente como uma “rede mundial

de computadores”, mas as suas implicações sociais. Morozov tornou-se referência em pesquisas sobre internet ao publicar *The net Delusion: the dark side of internet freedom* [A ilusão da rede: o lado sombrio da liberdade na internet], lançado em 2011 pela PublicAffair de New York.

Neste livro, Morozov atacou o que chama de *hiperotimismo* nos debates sobre internet e se posicionou cético em relação à crença de que as recentes tecnologias trarão mais liberdade e aprimorarão o exercício da democracia. Em sua publicação mais recente, *To save everything, click here: the folly of technological solutionism* [Para salvar qualquer coisa, clique aqui: a loucura do solucionismo tecnológico], lançado pela mesma editora, Morozov

mantém seus ataques ao trazer novos conceitos, questionamentos e sugestões de análises para os estudos sobre as relações travadas na internet.

O livro divide-se em nove capítulos, e logo em seu início faz um alerta aos pesquisadores: a internet não foi inventada da noite para o dia. Foi projetada durante a Guerra Fria, nos laboratórios do MIT em pesquisas financiadas pelo governo dos EUA interessado na construção de uma rede de comunicação resistente a bombardeios. Portanto, a primeira constatação: a internet não é neutra e só foi possível por conta de uma série de outras tecnologias que já estavam altamente desenvolvidas, como o telégrafo, o telefone, o rádio e a televisão. A partir disso, Morozov passa a descrever o nosso tempo. Alguns acreditam que estamos vivendo uma época sem precedentes, algo nunca visto antes na história, uma época excepcional. Para o autor, tais afirmações não passam de uma falácia intelectual, que “eu chamo de *epochalism*” (p. 36).

O *epochalism* (epocalismo) acredita que o momento em que vivemos é algo maior que a revolução industrial, uma ruptura com o tempo anterior. Esse fenômeno está presente tanto nos *ciberotimistas* como nos

ciberpessimistas. Os pessimistas, por exemplo, fazem uma leitura da internet como se ela fosse algo que destrói tudo o que foi construído até o momento. Um exemplo é Andrew Keen, um grande empreendedor do Vale do Silício e autor de *O culto do amador* (Zahar, 2007), no qual expõe o seu pessimismo em relação à internet, e afirma que ela corrói cultura e valores ao disseminar qualquer coisa sem critério algum. Tal afirmação só pode proceder, segundo Morozov, se encararmos a internet como uma grande revolução capaz de realizar uma ruptura com o tempo anterior. E todo o palavreado ruptura, *rupture talk*, nada mais é que um ingrediente essencial para o *epochalism*.

Um dos maiores problemas do *epochalism*, para Morozov, é a crença em algo consolidado e o entendimento de que precisamos ter total controle sobre o que está acontecendo. Diante disso, aceitamos e legitimamos endurecimentos que dificilmente aceitaríamos em outros momentos. O *epochalism* possui uma influência paralisante que induz à passividade e limita as respostas às mudanças e, desse modo, qualquer resistência passa a parecer fútil.

Diante disso, aceitam-se os

cookies, conhecidos também como *testemunhos de conexão*, que registram nossas atividades para mostrar aos sites quais seriam as preferências; aceitam-se as *spiders*, os *web crawlers* [rastreador web] da Google, que varrem a internet em busca de novos sites para que nada fique incógnito na *deep web*.

Outro efeito do *epochalism* é a aceitação de monitoramentos. David Price, pesquisador na Universidade de Washington, mostrou que, após os vazamentos proporcionados por Edward Snowden, alguns usuários ficaram abalados com as práticas de espionagem e monitoramentos planetários pelo governo dos EUA. Entretanto, esse abalo logo foi contornado: “Segundo pesquisa realizada pelo jornal *Washington Post* alguns dias depois das declarações de Snowden, 56% da população julga que o programa PRISM é ‘aceitável’ e 45% acredita que o Estado deve ‘ser capaz de vigiar os e-mails de qualquer pessoa na luta contra o terrorismo’. Esses resultados não surpreendem: há mais de dez anos, os meios de comunicação, especialistas e dirigentes políticos apresentam a vigilância como arma indispensável à guerra contra o terrorismo”.¹ Assim,

¹ PRICE, David. “A história social

permitimos que nossas buscas sejam mapeadas e arquivadas não somente para termos um bom produto ou acharmos o que queremos, mas para que estejamos protegidos do outro.

Em 2011, o Facebook passou a utilizar o PhotoDNA, desenvolvido pela Microsoft, para scanear todas as fotos que são postadas e, posteriormente, compará-las com imagens de pornografia infantil do banco de dados do FBI. Esse programa se expandiu e agora copia qualquer imagem para barrar pornografia em geral. “O Facebook é a vanguarda do algoritmo de vigilância: da mesma forma que a polícia se baseia em estatísticas de crimes anteriores, o Facebook se baseia em arquivos de bate-papos que precederam agressões sexuais. Curiosamente, o Facebook justifica a utilização do algoritmo por conta de solicitações para serem menos invasivos que as pessoas. ‘Nós nunca quisemos criar um ambiente onde os funcionários olham as comunicações privadas, por isso é muito importante utilizarmos a tecnologia que possui um baixo índice de erro’, disse o

das escutas telefônicas”. In: *Le monde diplomatique*. 01 de agosto de 2013. Disponível em: <http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=1476> (consultado em 05/03/2015).

chefe de segurança do Facebook à Reuters” (p. 186).

Todo esse recolhimento de informações modifica a maneira de identificar o potencial criminoso, terrorista, pedófilo e, para Morozov, pretende diminuir crimes e punir mais. Esse recolhimento de dados não ocorre apenas quando se está conectado por meio de smartphones, tablets ou computadores, mas também por meio de outros aparelhos domésticos. As futuras casas inteligentes serão compostas por eletrodomésticos que colherão dados ininterruptamente. As TVs inteligentes já estão presentes e ligadas ao Netflix, ao Youtube ou ao PopCorn Time, mapeando todas as nossas preferências. Em breve, da escova de dente à geladeira, todos serão *smarts*. Essa é a *internet das coisas* em que a Google investe com a sua filial Nest². Todo esse recolhimento de dados permite à Google oferecer exatamente o que a pessoa procura. O melhor resultado pode ser encontrado e o produto mais adequado ofertado no momento exato.

² A Nest produz termostatos inteligentes, alarmes de fumaça (tanto para cigarros como para incêndios) e câmeras para os cômodos da casa que podem ser acessadas de qualquer lugar. Disponível em: <https://nest.com/> (consultado em 05/03/2015).

Assim, o *epochalism* consolida uma série de enrijecimentos que, em outras situações, seriam desconsiderados. A crença na revolução também faz com que se acredite que a geração atual é composta de *nativos digitais*, como afirmam Don Tapscott e Anthony Williams, autores do famoso livro *Wikinomics: como a colaboração em massa pode mudar o seu negócio* (Nova Fronteira, 2007). Esses nativos trariam uma nova ética de abertura, participação e interatividade nos locais de trabalho. Deste modo, seríamos mais céticos às autoridades, e a revolução digital mudaria as instituições da sociedade. Para Morozov, é difícil afirmar a viabilidade disso, pois muitos jovens aceitam cegamente protocolos e tendem a entender muito pouco sobre a cultura digital: desconhecem o funcionamento dos termos de privacidade de um site, fornecem seus dados sem restrições e deixam as instituições inabaladas.

Não é possível dizer que existam esses *nativos digitais* ou uma geração da net advinda da década de 1980; não há como homogeneizar todos e o uso que fazem da tecnologia. A internet não determinou uma geração. É preciso desconstruir a crença de que a internet determina

relações. “Mas a realização de tais estudos, obviamente, não é tão sexy como refletir sobre ‘a mudança de cada instituição da sociedade por meio da revolução digital’. Esta última possibilidade paga melhor, também” (p. 46). E, para Morozov, esses pesquisadores deterministas, dos pessimistas aos otimistas, não acrescentam nada às discussões sobre a internet; escrevem o que se espera ser lido e não passam de líderes de torcida.

Morozov procura mostrar que a internet por si só não trouxe a modificação das nossas relações. Não há natureza da internet, não é possível dizer que ela possua uma natureza colaborativa por si só, como aparece nos escritos de Clay Shirky (*A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado*. São Paulo: Zahar, 2011; *Lá vem todo mundo: o poder de se organizar sem organizações*. São Paulo: Zahar, 2012).

Portanto, estamos inseridos em paradoxos a respeito do que é a internet: um dia afirma-se que devemos adaptar nossas instituições à internet, pois ela é uma das maiores invenções humanas e jamais deixará de existir; outro dia, postula-se serem necessárias variadas regras

para que a internet continue a existir, caso contrário a NSA (*National Security Agency of USA*), a Google, a Apple irão destruí-la com suas propagandas e monitoramentos. Temos ainda a leitura de que a internet possui demandas de ativistas (contra a censura, reforma de direitos autorais, pela neutralidade na rede) e, simultaneamente, uma exigência de modificação de instituições obsoletas a partir do uso de tecnologia...

Independentemente da explicação plausível para este paradoxo, estamos confusos diante da internet. Não se sabe o que ela é e nem qual seria a sua possível finalidade. Isso se deve tanto à sua naturalização como ao desconhecimento da história das tecnologias. Uma *amnésia tecnológica* define a discussão atual sobre a internet.

Morozov não desmerece os avanços da internet e as modificações que proporcionou em nossas relações. Propõe que as mudanças desencadeadas pelas tecnologias sejam analisadas e investigadas historicamente; não se pode acreditar que há uma *natureza* da internet, que ela é a protagonista da chamada cultura do compartilhamento ou responsável pela queda de alguns valores, como escreve o conservador Keen.

Para Morozov, assumir uma postura em que a internet é a protagonista de nossas vidas é a mesma coisa que dizer que a cultura da impressão ocorreu apenas com a invenção da impressora. A imprensa não foi uma realização do *nada*, ela foi produto de processos históricos longos; a chamada cultura da impressão também não apareceu do *nada*, não é um atributo da tecnologia de imprimir, mas, no próprio contexto histórico em que se desenvolveu a impressora já havia uma cultura de impressão.

Entretanto, Morozov não se coloca na missão de contar a história verdadeira da internet. Segundo o autor, todos que tentam fazer isso deturpam o passado nos deixando apenas com uma leitura pobre da história e em uma confusão a respeito do futuro. Isso leva Morozov a fazer considerações a respeito do *internet centrismo*, que tenta reescrever a história da internet mostrando como todas as outras tecnologias pavimentaram o caminho para a construção da internet. O *internet-centrismo* pauta-se na crença de que precisamos *consertar as coisas* do passado, já que estamos vivendo tempos revolucionários, em que as verdades anteriores já não possuem funcionalidade.

O *internet-centrismo* tornou-se algo como uma religião que crê na internet como um modelo para a sociedade. Por exemplo, acredita-se que o *crowdfunding* é uma alternativa aos financiamentos para realizar um projeto. Entretanto, esta é somente uma outra forma de financiamento, não confronta o neoliberalismo, mas o fortalece como qualquer outra instituição financiadora.

Nestas plataformas de financiamento, segundo Morozov, é muito provável que um projeto sobre aquecimento global divulgado entre ativistas será financiado. Enquanto um projeto de documentário sobre as causas da Primeira Guerra Mundial não conseguirá ser realizado se depender apenas desse meio de financiamento. O *crowdfunding*, como todo financiamento, é seletivo. E, para Morozov, é um erro acreditar que as pessoas assumiram papéis antes realizados por instituições públicas.

Para além do *crowdfunding*, a articulação do *solutionism* com o *internet-centrismo* produz a crença de que a internet pode trazer transparência e nos possibilitar maior responsabilidade civil, o que é ilusório para Morozov, pois a internet é uma tecnologia, e não determina

o comportamento político ou as relações de qualquer pessoa.

Morozov propõe uma leitura em que a internet não se sobreponha à sociedade, mas que procure entender como tecnologia e sociedade se relacionam. Se o *internet-centrismo* está presente, precisamos de uma *secularização* da comunicação. “Esta secularização não pode mais ser adiada. Precisamos encontrar uma maneira de esquecer temporariamente tudo o que sabemos sobre ‘*the internet*’ – tomamos muitas coisas para permitir esses dias –, arregaçar as mangas, e trabalhar para assegurar que as tecnologias não vetem o crescimento humano, mas o faça prosperar” (p. 62).

Morozov refere-se à internet como *the internet*. *The internet*, um substantivo antecedido de um artigo, designa uma série de tecnologias interligadas, e que não podem ser personificadas. *The internet* está em vários aparelhos, modula as nossas relações e tem inúmeros componentes (protocolos, monitoramentos, interfaces...). Por isso, nas obras de Morozov, a internet sempre aparecerá entre aspas ou em itálico.

Temos de entender a internet enquanto um processo do qual todos são dependentes. Essa dependência

faz com que distorçamos processos sociais e políticos. Acreditamos no que vemos na tela como um reflexo fidedigno do que ocorre quando se está longe de conexões. Mas os sites como Google, Twitter, Facebook e LinkedIn possuem seus algoritmos que fazem seleções do que cada um verá. O que as pessoas veem passou por uma seleção: a propaganda é individual e a busca trará um resultado para cada usuário. Todos os nossos acessos, todas as nossas pesquisas, todas as fotos e postagens estão em um banco de dados unificado que terceiros podem vasculhar para oferecer aquilo que cada um espera.

Acredita-se que os serviços da Google são gratuitos, que o acesso à internet é gratuito (ou que pagamos apenas um valor pela conexão), mas todos os nossos dados estão rastreados. Fornecemos dados que geram lucro para grandes servidores e nos abrimos para qualquer monitoramento. Basta acessar as configurações de um usuário que use o Gmail da Google que se verá de onde este acessou o e-mail, a partir de qual aparelho e quais as especificações técnicas deste. Assim, *The internet* nos afeta não somente quando estamos conectados. Como

afirmam os hackers do site PirateBay.org, nossas relações hoje são somente AFK (*away from keyboards* – fora dos teclados) ou não. Trata-se apenas de uma questão física, de qualquer maneira estamos atravessados pelo processo *The internet*.

Morozov não cai em uma defesa de compartilhamentos ou na ilusão de uma internet livre a ser regulamentada e defendida, mas busca compreender como os dados de usuários são utilizados, como dados são importantes tanto para a economia como também para influenciar medidas de austeridades.

Um dos autores que Morozov analisa é Jonathan Zittrain, da Universidade de Harvard, que afirma que a capacidade de compartilhamento da internet fará com que esta seja um objeto imortal. Acreditar nisso é crer que a internet satisfaz todas as nossas necessidades e desejos. Esse é *o fim da história*, aos moldes de Francis Fukuyama, presente no Vale do Silício, ou a impossibilidade de se imaginar qual inovação poderá ser desencadeada.

Morozov é impulsionado também pelas pesquisas tecnológicas do Vale do Silício. Ali, inúmeros jovens buscam desenvolver um algoritmo ou um aplicativo que salvará o mundo

da destruição ou as pessoas de sua desorganização, e lhes renderá um bom contrato com uma grande empresa ou que poderá ser vendido a uma dessas.

Em seu livro, lê-se sobre o projeto BinCam que pretende modernizar as lixeiras e que está em fase de elaboração na Alemanha e na Grã-Bretanha. Uma câmera é acoplada à tampa da lixeira e, cada vez que algo é descartado e a tampa fechada, uma foto é tirada. A imagem é enviada para a Amazon, que analisa o que cada um jogou: “Qual é o total de itens na imagem? Quantos deles são recicláveis? Quantos são comida?” Depois dessa etapa, a foto é postada no perfil do Facebook do dono da lixeira. Dependendo de como for a foto, o usuário ganhará pontos em um jogo online de consumo verde. “Missão cumprida; planeta salvo” (p. 2).

Esse sistema de pontuação é nomeado por Morozov de *gamification*. Por meio de rankings e pontos, atinge-se determinadas metas, por exemplo, jogar Nintendo Wii para emagrecer. Morozov aponta outro exemplo: “Recyclebank (...) é uma companhia que usa pontos e recompensas para incentivar os consumidores a tomarem atitudes ecológicas. Uma vez

que você acumula pontos pelo seu comportamento verde, Recyclebank possibilita que você os converta em descontos, ofertas gratuitas e cartões de presente” (p. 297).

A *gamification* também é um meio de aumentar a eficiência. Os aplicativos HabitRPG ou The Habit Factory, auxiliam seus usuários a construir uma rotina como se estivessem em um jogo de RPG; assim, você pode criar hábitos saudáveis e moderados. A cada atividade concluída o usuário deve colocá-la no aplicativo: ações como leitura e trabalho produtivo valem pontos, enquanto comer porcarias leva à perda de pontos. A premiação é ficar acima no ranking e passar de *level*. A *gamification*, então, renova a recompensa para evitar a ineficiência, motiva com pontos e torna hábito práticas ecológicas e saudáveis.

Morozov mostra que a *gamification* não é uma característica apenas do ocidente, ou que se desenvolveu nos EUA. O autor viveu os últimos anos do regime soviético na Bielorrússia e, sobre esse período, recorda: “Como alguém que cresceu nos últimos anos da URSS, sempre me lembro da propensão que os gestores soviéticos tinham para a *gamification*: os estudantes eram enviados para

campos de colheita de batatas ou trigo, e quando a motivação baixou, foram atribuídos identificações e pontos” (p. 351).

Para demonstrar o funcionamento da *gamification*, Morozov faz um paralelo entre o psicólogo Burrhus Frederic Skinner e o engenheiro Frederic Taylor e afirma que a promessa de mais comida ou bônus pode-se extrair um melhor desempenho dos corpos, sejam ratos ou trabalhadores.

Morozov mostra que as ações humanas podem ser influenciadas por motivações extrínsecas, seja pela punição ou pela busca de prazer/recompensa (p. 302). Entretanto, os humanos são incitados também às motivações intrínsecas. Estas ocorrem quando se realiza algo porque se acredita que é o que se quer, porque se acha que é o correto fazer. A grande questão da *gamification*, então, é como fazer que as motivações extrínsecas tornem-se intrínsecas.

A *gamification* é uma expressão da crença no *solucionism*. Ao internalizar o *score*, acredita-se que a tecnologia irá sanar todos os problemas, desde a obesidade até as mudanças climáticas. Com os novos aplicativos, cada um poderá monitorar o outro, até o seu lixo, e dizer se a prática cotidiana

de cada um vale pontos ou não. Como nos novos jogos online de RPG, nesses aplicativos nunca se alcança a meta final, mesmo após dias e horas consecutivas de jogo. Agora, como se estivéssemos em *World of Warcraft*, precisamos jogar e monitorar infinitamente. Nunca terminará, pode-se apenas conquistar uma posição alta em um ranking, mas nunca se pode deixar de monitorar para se ter certeza que ninguém mistura nas lixeiras lixo orgânico e reciclável. Monitora-se a si e aos outros com objetivo de melhorar e cultivar hábitos saudáveis, produtivos, ecológicos e felizes.

No Vale do Silício, o lema já não é mais “Innovate or die”, mas “Ameliorate or Die”. Há uma crença de que a tecnologia pode tornar as pessoas melhores, uma *orgia do melhoramento*, “ou, como os geeks diriam, com aplicativos, todos os bugs da humanidade são superficiais” (p. VIII).

Morozov, entretanto, não é um tecnofóbico, nem um tecno-otimista, mas critica esse imperativo do *melhoramento* e rejeita o determinismo tecnológico. É preciso se afastar do *internet-centrismo* e do *solucionismo* e refletir sobre o impacto da tecnologia: “Desvencilhando-nos do

solucionismo – isto é, transcendendo os limites que ele impõe em nossas imaginações e rebelando-se contra o seu sistema de valores é que vamos entender por que alcançar a perfeição tecnológica, sem atentar para a complexidade intrínseca ao homem e sem compreender o complexo mundo de práticas e tradições, pode não valer à pena” (p. XIII).

A proposta de Morozov é uma política de internet inteligente, com uma rede de segurança digital que poderia ser mais humana sem barrar a inovação ao mesmo tempo. “Designers e engenheiros sociais não devem se tornar burocratas ansiosos com medo da inovação, mas, por outro lado, eles podem praticar a inovação de um modo diferente. O objetivo das intervenções – em produtos e políticas – não devem apenas prover respostas, mas também deixar mais fácil a postura de novas questões. Se a tecnologia determinar que são inevitáveis, e se algumas formas de soluções não podem ser evitadas, devem deixar claro ao menos que essas soluções são auto-reflexivas, talvez, de um certo modo, até neuróticas. Somente por meio do auto-questionamento radical pode-se solucionar e transcender suas limitações inerentes” (p. 352).

Portanto, é fundamental questionar o uso da internet. Morozov propõe uma reflexão da internet e de nossas práticas sem querer reconstruir um dogma ou afirmar uma nova crença de como será bonito o nosso futuro a partir do uso de tecnologias.

Enquanto isso se continua aceitando múltiplos bancos de dados no processo *the internet*. Continua-se no *loading* de monitoramentos que nunca se conclui e na atualização de

crenças de como a internet salvará ou arruinará nossas vidas e o planeta.

Acreditamos na internet para identificar suspeitos de terrorismos e ofertar o produto adequado para todas as necessidades. Com os inúmeros aplicativos, vivemos a crença do Vale do Silício. Nesse processo, cada dia mais aceita-se e reafirma-se a necessidade de autogoverno com o auxílio da tecnologia.